

## Informe Setorial da Área Industrial, n. 03, out. 2007

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

## A INDÚSTRIA DE CURTUMES NO BRASIL

### INTRODUÇÃO

O mercado do couro cru está subordinado ao mercado de carne bovina que por sua vez depende do nível de poder de compra, preço das carnes substitutas, demanda do mercado internacional, além de surtos de doenças, secas ou inundações em áreas de criação, que podem diminuir a oferta de couro com reflexos sobre o preço.

O setor passou por importantes mudanças nas últimas décadas, seja internamente como em nível mundial. Alterações nas condições competitivas vêm acontecendo na indústria de curtumes desde a década de 1970, quando esta perdeu forças frente aos fornecedores de matéria-prima e clientes, em função do crescimento dos frigoríficos e especialmente da indústria calçadista.

Os frigoríficos foram se deslocando para o Centro-Oeste, seguindo o caminho dos grandes rebanhos bovinos, verticalizando suas atividades e ocupando cada vez mais o espaço na industrialização do couro. Este fato alterou o padrão de concorrência, pois a partir de então os frigoríficos passaram a ser fornecedores de couro *wet blue*<sup>1</sup> e não mais de couro cru. Alguns frigoríficos já processam couro até o estágio final de acabamento.

A indústria calçadista também cresceu e passou a ditar preços e condições de pagamento do couro fornecido pelos curtumes tradicionais<sup>2</sup>. Não obstante este fato, novos produtos sintéticos foram surgindo como substitutos diretos do couro, principalmente na produção de calçados femininos e calçados esportivos, como o tênis.

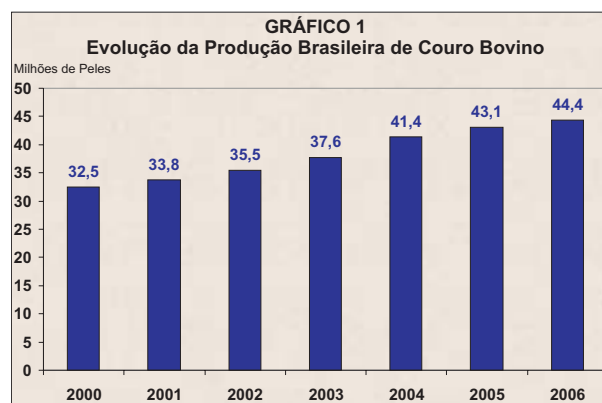
É importante ressaltar que, apesar de o couro estar presente, como matéria-prima, em vários setores como nos esportes, no vestuário, na indústria automobilística, no mobiliário, na indústria do

lazer, no calçado, entre outros, a sua utilização vem sofrendo alterações durante os anos. Na década de 1980, no Brasil, 70% do couro era utilizado pela indústria de calçados, ficando os 30% restantes para artefatos, vestuário, estofamentos e outros produtos. Atualmente, a estimativa do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) é de que 25% do couro seja utilizado pelos calçadistas, 15% para artefatos, vestuário e outros produtos e 60% pela indústria automobilística e moveleira.

### MERCADO INTERNO

A produção brasileira de couro quase triplicou nos últimos vinte anos, passando de 17 milhões de couros em 1985 para 44 milhões em 2006 – o que representa cerca de 20% do mercado mundial, que é da ordem de 215 milhões/ano. Os frigoríficos são responsáveis por 60% da produção brasileira, os salgadores 25% e 15% são de outras procedências, segundo dados da Associação das Indústrias de Curtume do Rio Grande do Sul (Aicsul) e do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC).

Os principais estados produtores de couro cru em 2006 foram São Paulo, 16%; Mato Grosso, 15%; Mato Grosso do Sul, 14%; Goiás, 10%; Minas Gerais, 7%; Rio Grande do Sul, 7%; Pará, 7%; Paraná, 5% e Rondônia, 5%. É importante ressaltar que, em 2000, a produção brasileira de couro estava concentrada nas regiões Sul e Sudeste que,

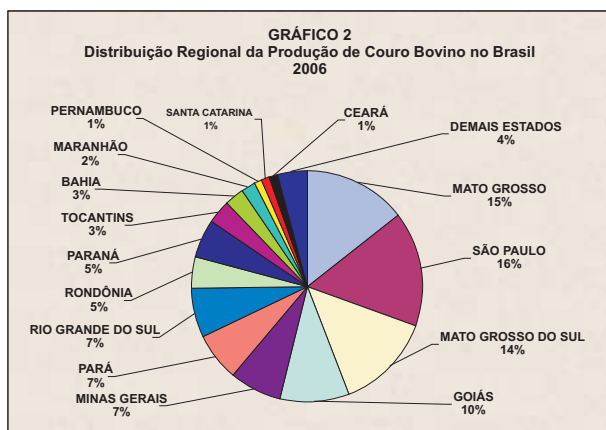


Fonte: Aicsul e CNPC

<sup>1</sup> Logo após o abate, o couro é vendido pelo frigorífico aos curtumes, salgado ou em sangue. No curtume, o couro é despelado, removidas graxas e gorduras e então sofre o primeiro banho de cromo. É a primeira fase, onde ele passa a exibir um tom azulado e molhado. Daí, o "*wet-blue*".

<sup>2</sup> Realiza todas as operações, processando desde o couro cru até o couro acabado.

juntas, eram responsáveis por cerca de 72% do total de couros. Os principais estados produtores eram Rio Grande do Sul, 23,5%; São Paulo, 23%; Paraná, 12% e Minas Gerais, 10%. Este fato ocorreu devido ao deslocamento dos frigoríficos para a região Centro-Oeste, seguindo o caminho dos grandes rebanhos bovinos, conforme descrito na introdução deste trabalho.



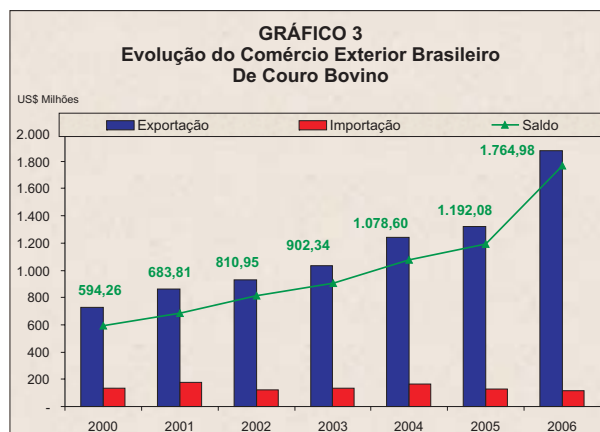
Fonte: Aicsul e CNPC

## MERCADO EXTERNO

As exportações brasileiras de couro atingiram, em 2006, US\$ 1,9 bilhão e as importações, US\$ 113 milhões, com saldo positivo de US\$ 1,8 bilhão. No gráfico 3 podemos observar que, em termos de valor, as exportações brasileiras tiveram um incremento de aproximadamente 160% entre os anos 2000 e 2006. Cerca de 34% do valor corresponde à exportação de couro *wet blue*; 13%, couro semi-acabado (*crust*); 49% de couro acabado e 4% de couro salgado e outros tipos.

O volume exportado em 2006 foi de 34,6 milhões de couros, o que corresponde a aproximadamente 78% da produção brasileira. Deste total, 18 milhões de couros *wet blue*, 4 milhões de couros *crust*, 12 milhões de couros acabados e 600 mil peles salgadas e outros tipos. É importante registrar que, no ano 2000 este percentual era de aproximadamente 45%. Certamente esta participação significativa contribui em muito para a balança comercial. Todavia, 54% deste volume corresponde ao couro na fase *wet blue* e salgado, ou seja, produtos de menor valor agregado.

As exportações de couro *wet blue* vêm apresentando crescimento nos últimos anos, mesmo após a taxação em 9%. Essas exportações avançaram ainda mais com a queda da produção calçadista brasileira no início dos anos de 1990, quando a indústria de curtumes procurou ampliar sua participação no mercado externo, encontrando uma demanda significativa na exportação do *wet blue*. Este fato ocorreu mesmo com a relação de câmbio desfavorável.

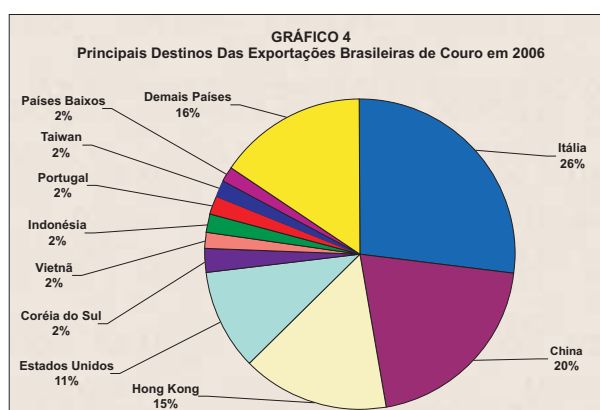


Fonte: Secex

O prolongamento desta crescente situação, como substituição do mercado interno, gera questionamento das empresas de outros segmentos da cadeia produtiva que, apontam a redução da oferta de sua principal matéria-prima como um gargalo na competitividade, tanto no mercado interno como no externo, pois, as exportações de *wet blue* destinam-se aos principais concorrentes de calçados do Brasil no mercado mundial, concentrando-se na Itália, China, Hong Kong e Estados Unidos que, juntos, são responsáveis por 72% deste montante.

Cabe ressaltar que, o predomínio das exportações de *wet blue* (produto de menor valor agregado) decorre, também, das barreiras tarifárias impostas por alguns países à entrada de produtos de maior valor agregado em seus territórios. Os principais exemplos são as sobretaxas aplicadas pela Índia, 25%; pela China, 8%; pela Comunidade Européia, 6,5% e pela Austrália, 5%, sobre os couros *crust* e acabados.

As importações de couro são insignificantes em relação a nossa produção, ou seja, em 2006 foram de apenas 4%. Do total importado, 50% foram de couros *wet blue*; 27%, semi-acabados; 21%, acabado e 2% de couros salgados e outros tipos.



Fonte: Secex

## RELACIONAMENTO DO SETOR CALÇADISTA COM O SISTEMA BNDES

Conforme podemos observar na tabela abaixo, entre 2000 e 2006, o Sistema BNDES desembolsou aproximadamente R\$ 335 milhões para o setor curtidor.

O crescimento que ocorreu em 2003 foi fruto de desembolso significativo ocorrido na linha do Exim para empresas exportadoras localizadas na região Nordeste. Apesar de menor, o mesmo fato se repetiu em 2005 e 2006.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor brasileiro de elaboração de couro passou por uma transformação estrutural de grande profundidade nos últimos 20 anos, vinculada à evolução da pecuária bovina no mesmo período.

A produção de couro aumentou de forma significativa, e deslocou-se em grande medida para o Centro-Oeste, acompanhando o deslocamento da pecuária. Grande parte da produção foi verticalizada pelos frigoríficos, e as exportações cresceram de forma muito acentuada.

O quadro descrito, apesar de ser bastante positivo, propiciou o surgimento de alguns problemas, entre os quais se destaca a queda na oferta de matéria-prima de qualidade para certas indústrias, como exemplo os calçadistas. Para a fabricação do calçado, em especial o masculino, é necessária a utilização de couro mais resistente<sup>3</sup>, que garanta a qualidade do produto final. Podemos citar ainda a elevada participação de produtos de pouco valor agregado nas exportações.

Os problemas mencionados não foram solucionados de forma adequada pelas medidas adotadas, como a sobretaxa nas exportações do couro *wet blue*. Seria recomendável, portanto, a implementação de medidas mais abrangentes, que permitissem ao setor a materialização do seu considerável potencial de crescimento, minimizando os conflitos entre os vários segmentos envolvidos.

No aspecto ambiental, é importante ressaltar que a produção de couro até o estágio *wet blue* produz 85% do resíduo ambiental da cadeia produtiva, enquanto a transformação de couro *wet blue* em produto acabado produz os restantes 15% do resíduo ambiental.

Desembolso do Sistema BNDES  
ao Setor Curtidor (em R\$)

Região	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Norte	–	–	1.411.787	682.056	–	1.969.989	1.382.990
Nordeste	773.146	1.909.887	832.085	111.240.996	1.006.104	29.178.359	40.975.965
Sudeste	844.922	136.286	13.647.385	6.705.073	6.340.592	4.854.628	1.527.362
Sul	10.425.490	30.035.569	12.395.331	10.035.363	16.578.325	17.457.816	9.791.876
Centro-Oeste	–	–	115.966	763.743	1.494.912	277.496	475.500
	12.043.558	32.081.742	28.402.554	129.427.231	25.419.933	53.738.288	54.153.693

<sup>3</sup> O couro do bezerro precoce é indicado para a fabricação de calçados e produtos que não devem sofrer deformação ao longo de sua utilização. O couro brasileiro tem maior aceitação nas indústrias automobilística e moveleira, devido ao seu grande tamanho. O mercado do couro cru está subordinado ao mercado de carne bovina e sendo assim, os animais são abatidos com mais idade, quando atingem o peso ideal. Com isso o couro perde resistência e se deforma com mais facilidade, além dos defeitos adquiridos com a maior permanência nos pastos e no transporte para os frigoríficos.

**Elaborado pela Gerência Setorial da Área  
Industrial/Departamento de Agro-Indústria e de  
Bens de Consumo**

---

**EQUIPE RESPONSÁVEL**

Abidack Raposo Correa – *Assistente*  
Sérgio Eduardo Silveira da Rosa – *Engenheiro*

---

**Editado pelo Departamento de Comunicação**



**Ministério do  
Desenvolvimento, Indústria  
e Comércio Exterior**

